

novembro 1999
ano 4
edição meses letivos

FAU PUC-Campinas e AREA-Campinas organizam
Ciclo de Palestras sobre arquitetura argentina
oculum@uninet.com.br

Contagem regressiva para a
4ª Bienal de Arquitetura
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: www.puccamp.br/~fau/

Editor responsável:
Abílio Guerra

Correspondentes
Ana Paula Baltazar Inglaterra
Affonso Orciuolo Espanha
Cristina Mehrrens EUA
Diego Wisnivesky Argentina
Eduardo Aquino Canadá
Ligia Veloso Nobre Inglaterra
Maria B Cavalanti Alemanha
Mª Pilar P Pineyro Uruguai
Olivia de Oliveira Suíça
Paul Meurs Holanda
Paulo Diziosi França
Pedro Moreira Alemanha
Ramón Gutierrez Argentina
Regina Isima Vieira Japão
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores CIDD
André Kaplan, Daniel Carne-
lossi, Priscila Vieira Davini

Grupo PET
Alexandre Tonetti, Diego Vega,
Eliane Castanharo, Fábio Araújo,
Isabel Nicolielo, Ivana Miranda,
Júnia Sana, Giovana Del
Ducça dos Santos, Marcelo
Swartman, Sandra Mielko Yano,
Tatiana Ono Morgado

FAU PUC-Campinas
Diretor
Ricardo Marques de Azevedo
Diretor adjunto
Denio Munia Benfatti
Coordenador de curso
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

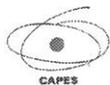
CIDD Centro Integrado de
Documentação Digital
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 019 756.7156
fax 019 255.6376
cidd@acad.puccamp.br

Revista Óculum
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

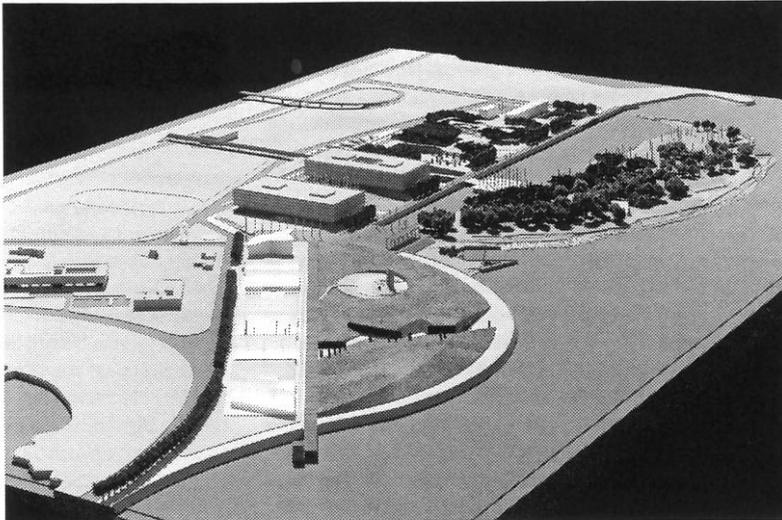
Apoio
Apple, Capes e Daidigital Kodak



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Maquete da nova Cidade Universitária de Buenos Aires, IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

Nos dias 23, 24 e 25 de novembro acontece em Campinas o Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos". Alguns dos palestristas convidados estarão no Brasil participando oficialmente da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, que dará especial destaque à arquitetura argentina. O arquiteto Alberto Varas – titular do escritório Baudizzzone, Lestard e Varas e autor dos projetos de revitalização do Bairro do Retiro e da Nova Cidade Universitária de Buenos Aires –, contará com Sala Especial por indicação da revista Óculum, que organizou, junto com o arquiteto Diego Wisnivesky, sua participação na grande exposição que abre no dia 20 de novembro. Claudio Ferrari, arquiteto associado a Varas nos projetos expostos na Bienal, também virá a convite da Fundação Bienal. Fernando Diez, arquiteto e editor da revista Summa+, participará do Fórum de Debates, na sessão especialmente dedicada às publicações de arquitetura. O arquiteto Oscar Lopes estará representando na abertura da mostra o Consórcio de Puerto Madero, que trará para a Bienal uma grande exposição deste que é um dos mais importantes projetos de reabilitação de áreas degradadas de nosso continente. Representando a Sociedad Central de Arquitectos de Buenos Aires estará presente um de seus diretores, o arquiteto Juan Carlos Ferzena.

Além dos participantes oficiais da 4ª BIA, a revista Óculum convidou os renomados arquitetos Alfonso Corona Martínez e Horacio Baliero. O primeiro é destacado crítico de arquitetura e assíduo frequentador de importantes publicações internacionais. O segundo, militante da arquitetura moderna argentina, tem grande proximidade com a arquitetura brasileira, inclusive afetiva, pois compartilhou e compartilha das amizades de Affonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer. Os sete arquitetos argentinos estarão presentes no Ciclo de Palestras em Campinas, apresentando ao público presente a produção contemporânea – tanto projetual como crítica – da arquitetura e do urbanismo do país irmão. Com isso, a FAU PUC-Campinas e a AREA-Campinas, organizadoras do evento, estarão contribuindo de maneira efetiva para a aproximação cultural dos mais importantes países do Mercosul.

Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos"

Auditório do Colégio Coração de Jesus, Campinas, de 23 a 25 de novembro de 1999, das 19:00h às 22:00h
Convidados: Arquitetos Alberto Varas, Alfonso Corona Martínez, Claudio Ferrari, Fernando Diez, Horacio Baliero, Juan Carlos Ferzena e Oscar Lopes
Organização: AREA-Campinas; Grupo PET CAPES; Óculum; Centro Audiovisual; FAU PUC-Campinas.
Observação importante: os dados acima serão confirmados em boletim extra. Informações no CAV FAU PUC-Campinas, com Ângela, fone 0XX19 756.7082

Dentro de alguns dias começa a 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, com a curadoria dos arquitetos Lúcio Gomes Machado e Luiz Fisberg. Organizada pela Fundação Bienal e pelo IAB, a BIA se consolida como o principal evento brasileiro de arquitetura e urbanismo. Importantes arquitetos merecerão destaque em Salas Especiais. Entre os brasileiros, teremos Paulo Mendes da Rocha, Jorge Machado Moreira, Gian Carlo Gasperini, Abrahão Sanovicz, João Filgueiras Lima, Hélio Duarte e Zanine Caldas, além de uma exposição histórica do Conjunto da Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer. Dentre os arquitetos estrangeiros, destaque para as mostras de Alvar Aalto, Mario Botta, Mies van der Rohe, Frank Gehry, Aldo van Eyck, Herman Hertzberger (ilustração abaixo) e Mecanoo. Com curadoria de Jorge Glusberg, teremos as exposições 50 Estúdios sobre arquitetos argentinos e Mestres latino-americanos. Teremos ainda a exposição Artificial e Natural, do estudio Baudizzzone, Lestard e Varas, que mostrará, a convite da Óculum, dois grandes projetos para a capital portenha: revitalização do Retiro e nova Cidade Universitária. A reedição da Exposição das Escolas de Arquitetura recebeu mais de 70 inscrições, 25 delas estrangeiras, mesmo fenômeno que se observou na Mostra Geral de Arquitetos, com 30% de estrangeiros entre as mais de 400 inscrições, comprovando a internacionalização da mostra.

4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo
De 20nov1999 a 25jan2000, Pavilhão da Bienal, Parque Ibirapuera, São Paulo, bia@arquitetura.com.br.
O artigo Pequena memória da 3ª Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo, de Paulo Yassuhide Fujioka, está disponível em nosso site na Internet: www.puccamp.br/~fau/oculum/boletim/b37/b37.htm



Edifício Itália e a verticalização racionalista paulista nos anos 50

Paulo Yassuhide Fujioka, São Paulo
bia@arquitetura.com.br



Ed. Itália, S Paulo, 1965. Arq Adolf Franz Heep, foto Nelson Kon

Em 1995 comemoramos 30 anos da inauguração do *Edifício Itália* – o arranha-céu mais alto da cidade e ainda hoje uma das mais altas estruturas já erguidas em concreto armado. Desde sua abertura foi adotado como um dos símbolos de São Paulo, não apenas pela construção inovadora e pela expressão racionalista, mas também como um monumento à colônia italiana e símbolo da metrópole que emergia. Atualmente o Itália destaca-se pela importância que mantém como centro comercial, institucional e cultural, sem ter entrado em decadência como tantos de seus edifícios vizinhos ao redor – ainda hoje cartão-postal e foco da maior concentração de agências de turismo da cidade, a av São Luiz, demonstração da viabilidade de renovação do centro deteriorado.

O Itália foi um empreendimento comercial do Circolo Italiano e, ironicamente, não foi desenhado por um dos arquitetos italianos que tinham reiniciado suas carreiras em São Paulo, como Giancarlo Pirelli e Lina Bo Bardi. Foi projetado por Adolf Franz Heep, um arquiteto cuja obra ainda não foi publicada, apesar de sua relevância na arquitetura paulista entre os anos 40/60 (a arquiteta e pesquisadora Catherine Gati vem desenvolvendo uma pesquisa sobre Heep, profissional rígido e cosmopolita, de origem tcheca, formado pela *Kunsthandwerk* de Frankfurt. Segundo conta Gati, Heep trabalhou em Paris, com Le Corbusier, antes da II Guerra Mundial).

Várias propostas foram apresentadas ao Circolo Italiano, incluindo a expressiva torre combinando apartamentos, lojas e escritórios projetada por Giò Ponti por ocasião de sua visita ao Brasil (quando apresentou projetos para a Cidade Universitária da USP) e outra, de Gregori Warchavchik. A proposta de Heep foi escolhida por ter sido o projeto que melhor resolveu as exigências do programa, e também por aproveitar melhor o terreno e apresentar o pavimento-tipo com o máximo de área útil dentro da legislação. Ainda hoje a torre permanece um gigante com 151m de altura, 46 pavimentos e subsolo, 52.000m² de área construída em lote de 2382m², 12 elevadores, 4003 janelas, 6000m² de vidro, recebendo 25.000 pessoas. O Itália também abriga o Circolo Italiano e dispõe de um auditório de 350 lugares.

Desde o início da obra, o Itália tornou-se admirado pelo sistema estrutural, pioneiro no Brasil. No

entanto, sua construção foi problemática, tendo sido inaugurado 1965. A altura excepcional, além dos gabaritos permitidos, foi autorizada pela Prefeitura, tendo-se em vista sua localização, na junção entre as avenidas Ipiranga e São Luiz e voltado para a Praça da República.

Na linha dos edifícios-conjuntos dos anos 50, temos no Edifício Itália um bloco de base e um volume vertical. O bloco horizontal ocupa toda o lote, mas o volume vertical emerge da base isoladamente. Além destes, o projeto de Heep acrescentou uma solução engenhosa para encerrar as empenas dos edifícios adjacentes: até a altura permitida para as edificações na divisa do lote (na época), ergue-se em cada alinhamento, duas alas de 8 pavimentos cada, revestidos de blocos de vidro, com janelas emolduradas. Pouco tempo depois, foi aprovada a Lei Municipal 5261, aplicando-se pela primeira vez um coeficiente de aproveitamento máximo para construções, estabelecendo-se o índice 6 para edifícios comerciais, inviabilizando experiências posteriores do tipo do Itália. Tendo sido projetado em 1956, o Itália é representativo da arquitetura dos Grandes Mestres do Moderno, e de fé na tecnologia, principalmente do aço e do concreto. Le Corbusier tinha concluído a Capela de Ronchamp (1950-55), Frank L. Wright não viveria para ver finalizado Museu Solomon Guggenheim (1946-59), o Seagram Building de Mies van der Rohe já estava em construção (1954-58), Pier Luigi Nervi estava projetando o Pallazetto dello Sport para as Olimpíadas de Roma (1956-57), Jorn Utzon vencida o concurso para a Ópera de Sydney, que só seria concluído em 1973; Giò Ponti marcaria a paisagem de Turim com a Torre Pirelli (1955-58) e Kenzo Tange concluiria a Prefeitura de Kagawa em Takamatsu (1955-58). No Brasil, o Parque do Ibirapuera, projetado pela equipe liderada por Oscar Niemeyer, já tinha sido inaugurado há dois anos.

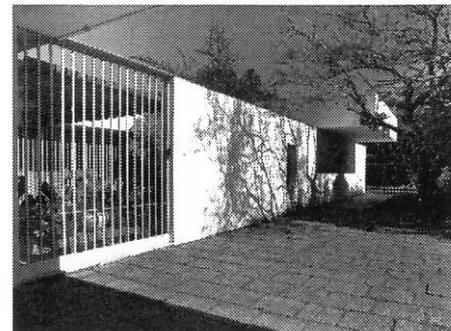
Desde o início da década de 50, a própria cidade viveu a febre da Arte e da Arquitetura Moderna, não somente com a construção de prédios de vulto como o Itália, mas também com as Bienais de Artes e as obras construídas para o IV Centenário. Hoje, o resgate do passado da arquitetura vertical do Centro de São Paulo é mais importante do que nunca, neste momento em que novas propostas gigantescas de arquitetura vertical causam polêmica na imprensa. Os 30 anos do Itália são motivo de celebração às vésperas do III Seminário Docomomo-Brasil *A Permanência do Moderno*, que será realizado de 08 a 11 de dezembro de 1999, durante a 4ª BIA em São Paulo.

Enfim, o Itália permanece como um sobrevivente dos anos 60, um período vertiginoso de metropolização e industrialização que ainda podemos recordar pela lembrança em branco-e-preto do cinema paulista, como São Paulo S/A de Luís Paulo Person – *madeleines* de um tempo que ainda poderia voltar, com a recuperação do centro paulistano.

Paulo Y. Fujioka é arquiteto pela FAUUSP e assistente da Curadoria da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo.

Alcides Rocha Miranda: o passado pela frente

Ana Luiza Nobre, Rio de Janeiro
alnobre@openlink.com.br



Residência Plácido da Rocha Miranda, Petrópolis, 1958

Em relação aos arquitetos da sua geração – a mesma que consagrou a produção arquitetônica brasileira no panorama internacional, tornando paradigmática a arquitetura de Oscar Niemeyer – Alcides Rocha Miranda surge ainda hoje quase como uma incógnita. Feita de intervenções preciosas na cena urbana (altar-monumento para o XXVI Congresso Eucarístico no Rio), operações quase cirúrgicas nas chamadas “cidades históricas” (residência Vivi Nabuco em Tiradentes; mercado de Diamantina) e estruturas de desenho ousado (igreja Nossa Senhora da Graça em Friburgo; igreja e restaurante na Serra da Piedade), sua obra é única tanto pelo cuidado extremo com que se insere na paisagem quanto pela relação que sabe estabelecer entre os tempos. Quem sobre ela se detém percebe não só um sabor particular que dá a dimensão do clima intelectual que agita o Brasil nos anos 30/40 – entre a vontade de construção de uma identidade nacional e a valorização de um passado eleito e entendido como patrimônio – como toda carga de problematidade e imprevisibilidade do homem moderno, a um só tempo confrontado consigo mesmo e com o mundo, movido pelo desejo de mudanças radicais e em desamparo diante da desintegração das verdades alimentadas até então.

Não por acaso, Alcides Rocha Miranda é considerado por Lúcio Costa o “mais sensível e puro dos nossos arquitetos”. Para celebrar seus 90 anos, completados recentemente, foi inaugurada em Petrópolis, RJ, a exposição “*O Passado pela Frente: a Arquitetura de Alcides Rocha Miranda*”. A mostra, instalada na Plataforma Contemporânea do Museu Imperial, assume a intenção de promover o amadurecimento do olhar para a obra arquitetônica de Alcides Rocha Miranda pela incorporação e condensação de uma série de elementos que a compõem. Imagens e textos dispostos em planos opacos e transparentes; elementos vazados; nichos e fendas constroem um espaço deduzido de uma leitura muito particular desta arquitetura. E que, tal como ela, solicita silêncio; exige experiência. E “só se mostra aos olhos que se movem para encontrá-la”.

Exposição “O passado pela frente: a arquitetura de Alcides Rocha Miranda”. Curadoria: Ana Luiza Nobre e Otávio Leonídio. 9out-21nov. Museu Imperial, Petrópolis. Info: 024 237.8000

As cidades do Exército da Salvação

Jeroen Schilt, Holanda

jschilt@binnenstad.amsterdam.nl



Conjunto suburbano, Rotterdam, 1949-53. Arq. L. Stam-Beese

A ocupação da Holanda pelos nazistas entre 1940 e 1945 é um passagem marcada a ferro na memória coletiva holandesa, assim como as duas décadas consecutivas em que o país tentou aos poucos se recuperar dos danos da guerra e reconstruir a sua economia. Só ao final dessa época de sobriedade é que revelaram-se os contornos de uma sociedade próspera e aberta.

A memória ambivalente da época da reconstrução é o resultado direto da política dominante do poder público nessa fase, que aparentemente tinha um único objetivo: restrição máxima de gastos.

Essa postura marcou profundamente a identidade cultural dos holandeses e também a qualidade do espaço construído, principalmente com as mais de um milhão de casas construídas no período de 1945 a 1965. O valor de antiquário que hoje em dia é dado à produção nas artes plásticas, música, moda, mobiliário e desenho industrial dos anos 50 e 60, está ausente na herança arquitetônica e urbanística da mesma época, que continua a ser considerada chata, monótona e pobre.

Nos anos 50, o arquiteto Jaap Bakema criticou as extensões urbanas com bairros residenciais que estavam sendo construídas de acordo com as preocupações sociais, todas dotadas do mesmo padrão de quarteirões de moradias, escolas e igrejas. Ele as chamou de *cidades do Exército da Salvação*, decoradas com torres de mármore das pias batismais. Bakema caracterizou bem a realidade da reconstrução: tratou-se de uma tentativa de criar uma confecção minimalista que mal respondeu às necessidades mínimas. A prática na construção foi o resultado de um compromisso implícito entre o governo – entidade onipotente, regulando todas as etapas e contando cada centavo – e a sociedade de arquitetos, à qual faltava autoconfiança e que estava culturalmente insegura depois da guerra. Não é de se estranhar portanto, que o período de reconstrução tenha se encerrado da mesma maneira como começou: com um apelo urgente e emocional de vários arquitetos para que se refletisse sobre a própria tarefa cultural e a responsabilidade da profissão. Em 1941, M.J. Granpré Molière constatou que também os arquitetos deviam ser responsabilizados pelo caos na sociedade, que havia então causado uma nova guerra mundial. Segundo ele, o capitalismo e o subjetivismo nas artes e nas ciências haviam provocado um 'auto-

amor' e uma 'matematização das ciências', que acabaram dando um fim à preocupação natural pelo indivíduo e pela sociedade. O resultado da palestra foi uma série de encontros nos finais de semana em Doorn durante o período da guerra. Nessas reuniões, os arquitetos, que antes da guerra eram líderes de correntes adversárias de arquitetura, tentavam juntos definir a tarefa e a posição dos arquitetos na sociedade. Também os grupos de jovens arquitetos e estudantes faziam parte. Os encontros criaram um cauteloso senso de coletividade, dando origem a vários grupos de estudos, nos quais os arquitetos preparavam-se de uma maneira mais prática para as obras de reconstrução pós-guerra na Holanda.

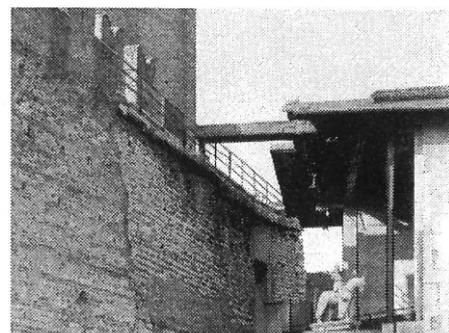
A prática da sobriedade da reconstrução logo acabou com as grandes esperanças e anseios. No final da década de 50, os arquitetos Bakema e Dick Slebos lançaram um apelo aos colegas, algo parecido com a palestra que Granpré Molière fez em 1941: pediam uma reflexão sobre a essência da profissão e as necessidades do usuário das novas construções. Segundo eles, os arquitetos tinham se perdido em caprichos com as novas tecnologias e uma adaptação pouco crítica à vida e à moda do momento. Não cultivavam mais os contatos verdadeiros entre os colegas e não tinham preocupações sobre a monotonia crescente nas cidades e a anonimidade do indivíduo na grande massa. Bakema e Slebos clamavam por uma "força criativa e imaginativa" dos arquitetos para enfrentar a realidade do momento. A resposta veio principalmente com a composição da redação da revista *Forum*, com um expediente repleto de nomes importantes, como Bakema, Aldo van Eyck, Herman Hertzberger e Dick Apon. A partir de setembro de 1959, cada número da revista trazia muitas fotos retratando o cotidiano de culturas 'primitivas', em combinação com textos agressivos, porém carregados de poesia. A mensagem era clara: a sociedade ocidental não tinha mais nenhuma preocupação com o indivíduo e as condições de vida ao seu redor, e o arquiteto não fazia mais nada para mudar essa realidade.

Após alguns anos turbulentos, ficou claro que esse debate mudou profundamente o modo de pensar dos arquitetos sobre a arquitetura. A afirmação de Bakema de que a arquitetura é a expressão tridimensional do comportamento humano, não era mais compreendida pela geração de arquitetos mais velhos, segundo o arquiteto e crítico de arquitetura J.J. Vriend. O contraste entre o novo pensamento e a realidade das construções não poderia ser maior. A produção anual de apartamentos subiu para mais de 100 mil unidades e o ministro da Habitação Bogaers, que havia tomado posse em 1963, começou a eliminar o déficit habitacional com medidas drásticas. Surgiram bairros em grande escala, construídos com tecnologias industriais, numa verdadeira construção em série, em métodos desenvolvidos por construtores como MUWI, Dura-Coignet e Era. Os arquitetos tiveram, como sempre, de esperar por melhores épocas.

A arquitetura de Carlo Scarpa

Sonia Marques, Estados Unidos

sonia@ct.ufrn.br

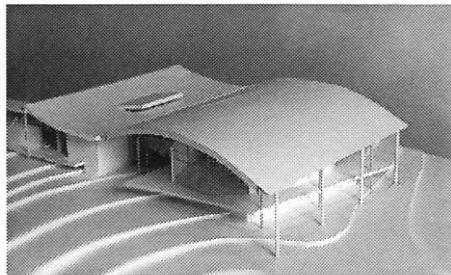


Castelvecchio, Verona. Arq. Carlo Scarpa. Foto Guido Guidi

Para os não iniciados na obra deste mestre, o melhor será começar pelo filme, dirigido pelo escocês Muray Grigor (especialista em filmes de arquitetura, diretor de um clássico sobre vida e obra de Frank Lloyd Wright). Projetado no excelente auditório do CCA, o filme oferece um panorama da trajetória profissional de Scarpa (1906-1978): Olivetti, convento dominicano, etc. com depoimentos de clientes, colaboradores (Valiano Pastor, Luciano Gemini) e discípulos. Luigi Breda, construtor, conta como Scarpa representava suas idéias através de desenhos, e como estes, que lhe pareciam inicialmente incompreensíveis, iam se tornando claros na medida em que o arquiteto ia desenhando. Tobia Scarpa revela que o mestre italiano foi o primeiro a conhecer F. L. Wright em seu país. Enrico Brion narra como resolveu, com sua mãe, chamar Scarpa para realizar o túmulo do pai. Como transição, a exposição (curador Louis Martin) inicia-se num corredor com a seção "Scarpa em contexto": o debate na Itália sobre arquitetura moderna, onde, diferentemente do resto da Europa, desde 1920, a noção de continuidade se faz presente. Livros da época, sobre a exposição da arquitetura funcional, Sartoris, Piacentini, os debates sobre renovação, por ocasião da reconstrução no pós-guerra, a relação entre arquitetura e política, a questão democrática, a formação da APAO (Associação para a Arquitetura Orgânica) e as teorias de restauração de Lavagnino a Brandi. Finalmente, nos salões, "a exposição concentra-se num aspecto determinante do trabalho de Scarpa: sua abordagem original das camadas históricas que formam o tecido de uma cidade ou de um, edifício (...) documentando "os trabalhos que coroam a carreira de Scarpa, especialmente a reorganização do histórico Castelvecchio em Verona que tornou-se Museu Municipal de Arte e a construção de um túmulo privado – uma cidade dos mortos – para a família Brion perto de Treviso". São 150 desenhos, que atestam o modo de conceber do arquiteto italiano, aos quais se acrescentam maquetes e um conjunto importante de novas fotografias, especialmente encomendadas ao fotógrafo italiano Guido Guidi. Uma exposição, dentro da temporada italiana do CCA, cujo requinte acompanha o nível da obra exposta.

Exposição Carlo Scarpa, arquiteto: compor com a História. Centro Canadense de Arquitetura, Montreal. 26mai-31out. Sonia Marques é professora do Depart. de Arquitetura da UFRN

Primeiros, terceiros e outros mundos em arquitetura
Fernando Lara, Estados Unidos
ferlara@umich.edu

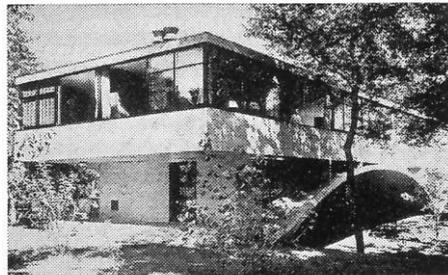


Sociedade budista Insight Meditation, arq Michael Rotondi

No mês passado, realizou-se em San Juan a conferência *First World/Third World*. Como o título já indica, as seções foram organizadas ao redor de questões referentes à prática e ao ensino de arquitetura como reflexo dos desafios da globalização, dos regionalismos (críticos ou não) deste final de século, e dos problemas urbanos decorrentes do encontro entre 1º e 3º mundos em nossas cidades. O local da conferência não poderia ser mais interessante. Hesitante entre sua identidade latina e padrões de consumo americanos, Porto Rico é por excelência a fronteira entre duas realidades que se enfrentam e se contaminam. Mas como ficou patente nos vários trabalhos apresentados, esta relação complexa e tensa entre 1º e 3º mundos não é exclusividade de Porto Rico, ao contrário, emerge em todas as grandes cidades contemporâneas. Os palestristas convidados ilustraram bem essas novas fronteiras que a arquitetura tem de lidar. Enquanto Enrique Norten (México) nos apresentava sua arquitetura cosmopolita e *high-tech*, localizada na Cidade do México, Antônio Cruz (Sevilha) mostrava a sensibilidade tectônica combinada com uma elegante preocupação com a luz, e Michael Rotondi (Los Angeles) discorria sobre a identidade latina da Califórnia e de sua busca por uma arquitetura mais calma, diferente dos movimentados projetos do Morphosis, sua parceria anterior. Os três compunham um retrato complementar e divergente das questões e das propostas que passam a arquitetura deste final de milênio. O Brasil, primeiro e terceiro mundista por excelência, foi tema de 5 trabalhos: Clara Irazabal, Sunil Bald, Nathaniel Belcher, Eduardo Robles e Fernando Lara. Se não formam uma unidade ou muito menos um consenso, apontam para uma revalorização nos EUA da arquitetura moderna brasileira. Como ficou claro na plenária final de *First World/Third World*, primeiros e terceiros mundos não são mais definições geográficas horizontais (entre um território e outro) mas sim verticais, como mundos sobrepostos coexistindo em todas as grandes cidades do continente americano. Cabe a nós, arquitetos, trabalhar crítica e criativamente na busca de espaços que ajudem a promover o melhor dos dois mundos e combater o que ha de nocivo em cada um.

First World/Third World. Organização Universidad Politécnica de Puerto Rico e Association of Collegiate Schools of Architecture, ACSA. De 08 a 10out99, em San Juan, Porto Rico

Um mundo à parte
Florença Rausch, Argentina
frausch@impsat1.com.ar



Casa Ponte em Mar del Plata, arq Amancio Williams

"Quando tinha ocasião de perguntar por seus trabalhos a algum argentino geralmente me respondiam: 'Faz sempre as mesmas coisas, está um pouco à parte...' ontem encontrei novamente esse mesmo homem que 'estava um pouco à parte'. Compreendi que seus estudos, levados com tanta nobreza e tanta pureza espiritual somente poderiam 'estar à parte'". Amancio Williams nasceu em Buenos Aires em 1913. Foi sucessivamente engenheiro, aviador, arquiteto. Somada a esta trajetória, a grande cultura musical de sua família, de onde surgem as elegantes estruturas e formas, domínio do espaço tão evidente em seus projetos.

Em 1947 visita Paris, onde conhece Le Corbusier e Léger. Apesar da indiscutida influência de Le Corbusier, a obra de Williams não é apenas derivada de outra, mas uma obra que sem dúvida pertence ao modernismo, ao mesmo tempo em que é extremamente sensível ao lugar e ao contexto. O volume de sua obra construída é pequeno, porém de excelente qualidade – a Casa Ponte de Mar del Plata coloca-se entre os clássicos da casa moderna neste século. Nos anos 70 as idéias de Amancio começam a tomar um novo rumo, obras que constituem uma escala completamente diferente à de seus projetos anteriores.

Não é necessário destacar a importância da obra de Amancio Williams, porém é necessário ressaltar que a maior parte de suas obras não puderam ser levadas a cabo. As abóbadas que foram utilizadas no Pavilhão de Exposições Bunge e Born em 1966, apesar de construídas inteiramente em concreto armado, foram demolidas após dois meses de exposição e os esforços do próprio Williams não foram suficientes para evitá-lo.

Trinta anos mais tarde surge um projeto de reconstrução, inquestionável necessidade de resgatar uma das peças mais paradigmáticas que se produziram em matéria de construções "temporárias", proposta que se apoia no forte antecedente histórico da reconstrução do Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona de Mies van der Rohe. A reconstrução definitiva do pavilhão de Williams se realizará nas novas áreas vinculadas ao Rio de la Plata, paisagem que tanto nutriu o arquiteto.

¹ CANDILIS, Georges. *Amancio Williams*, extrato de conferência do Seminário para Docentes, Faculdade de Arquitetura, Buenos Aires, abril de 1968.

Curadoria da série sobre Arquitetura Argentina e tradução: Flávio Arancibia Coddou. Leia também: "Amancio Williams. O homem que foi ponte", de Fernando Álvarez Prozorovich, revista *Ócolum* 7/8, abril 1996

Noticiário do Grupo PET
Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Colégio Estadual em Campo Grande, arq Oscar Niemeyer

Website "Arquitetura em Campo Grande"

Versão eletrônica do livro de Ângelo Arruda, Gogliardo Maragno e Mário Sobral Costa, Ed. Uniderp, comemorativo do centenário de Campo Grande. www.uniderp.br/arquitetura.htm

3ª Bienal Internacional de Urbanismo

Com o tema *Transformação das cidades*, é promovido pelo Taller Internacional de Urbanística Latinoamericana, simultaneamente ao *ExpoVivienda 2000*. 12-16abr2000. Info: TIUL, fonofax 4.825-6316, info@tiul.org.ar, www.tiul.org.ar

Proarq FAU-UFRJ organiza Seminário

Seminário *Psicologia ambiental e projeto de arquitetura e urbanismo*. 17-19abr2000, RJ. Resumos até 15dez99. Info: fonofax 021 590.1992

II Prêmio Internacional para Arquitetura Sacra

O 1º colocado receberá 300 milhões de liras em 04out2000. Info: Fondazione Frate Sole. Via Ada Negri 2, 27100 Pavia, Itália, fax 0382 301413, fratesol@tin.it, www.fondazionefratelesole.org

V Bienal de Arquitectura Española de Madrid

Acontece em outubro de 1999. Info: fon 435.2200, fax 575.3839, cscae@arquinox.es

Universidad de Alcalá promove ateliê

Com o tema *Interstícios. Espacios Urbanos de dimensión intermedia*. De 18-22out. Info: fon 91 885.5255, fax 885.5275, iea@e.fgua.es.

Festival Internacional de Arquitectura em Vídeo

4ª edição do evento em Firenze. Novas mídias, cinema e inovações. 09-12dez99. Info: via Scipione Ammirato 82, 50136 Firenze, Itália. fon +39 055 666316, fax 6241253, image@architettura.it, www.architettura.it/image

Biblioteca CAD – Ócolum

1. *Tarsila do Amaral*, texto de Aracy Amaral; *Lasar Segal*, texto de Vera d'Horta. Banco Velox / Fundação Finambrás, fundacao@finambras.com.br
2. *A Vila Tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba*, Lucinda Ferreira Prestes, FAU-USP e Fundação Vilanova Artigas
3. *500 anos da casa no Brasil*, Francisco Veríssimo e William Bittar, Ediouro, r Nova Jerusalém 345, CP 8544, 20212-970 Rio de Janeiro RJ, fon 021 560.6122, fax 280.2438, livros@ediouro.com.br